LITERATURA DE INFORMAÇÃO DOS VIAJANTES DO SÉCULO XVI AO XIX E A FORMAÇÃO CULTURAL BRASILEIRA: O CASO DAS IMAGENS DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS INDÍGENAS

INFORMATION LITERATURE OF TRAVELERS FROM THE 14th TO THE 19th CENTURY AND BRAZILIAN CULTURAL FORMATION: THE CASE OF IMAGES OF INDIGENOUS MUSICAL INSTRUMENTS

Walace Rodrigues[1]

Resumo: Este texto busca pensar um pouco sobre como a literatura dos viajantes do século XVI ao XIX ajudou a moldar um pensamento acerca do Brasil. Acreditamos que esse pensamento tenha influenciado na formação da cultura brasileira, principalmente através das imagens fornecidas nas publicações de tais viajantes. As imagens dos instrumentos musicais indígenas, tomadas aqui enquanto exemplo de discursos visuais, podem nos fornecer informações sobre como tais viajantes moldaram seus relatos sobre nós brasileiros. Esse artigo tem caráter analítico/qualitativo e baseia-se em uma pesquisa bibliográfica. Os resultados mostram que os relatos dos viajantes lançaram uma primeira ideia sobre o Brasil e ajudaram a sedimentar certas ideias acerca de nossa cultura através do que escreveram e das imagens que forneceram aos leitores de seus relatos.

Palavras-chave: Literatura de informação; Cultura brasileira; Instrumentos musicais indígenas; Imagens.

INTRODUÇÃO

Este texto coloca-se como um trabalho inicial de pesquisa de pós-doutoramento na Universidade de Brasília – UnB, mais especificamente no Programa de Pós-Graduação em Literatura – POSLIT. O escrito trata sobre o tema da literatura dos viajantes do século XVI ao

[1] Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Pós-graduado (*lato sensu*) em Educação Infantil pelo Centro Universitário Barão de Mauá - SP. Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ. Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

XIX, chamada de literatura de informação, e de como tais relatos (escritos e visuais) ajudaram a formação das representações acerca da cultura brasileira. O objetivo desse trabalho é mostrar como a literatura de informação (e todos os dados imagéticos fornecidos por ela) exerceu um grande poder sobre a formação de nossa cultura, já que ela ofereceu as primeiras informações acerca dos brasileiros, seus costumes, hábitos, fazeres, etc.

Esse trabalho se justifica, pois, busca mostrar a importância da referida literatura para a cultura nacional e expõe pontos relevantes de serem considerados enquanto primeiras representações de nós brasileiros. Além disso, lançamos um olhar especial sobre a imagética fornecida em tais publicações, tomando como base as imagens dos instrumentos musicais indígenas em tal literatura. Ainda, esse texto se coloca como um ensaio analítico/qualitativo e de cunho bibliográfico, pois buscamos em estudos bibliográficos as devidas referências para justificar nossa análise.

A LITERATURA DE INFORMAÇÃO E A CULTURA BRASILEIRA

É o crítico literário Antônio Cândido quem nos diz que a literatura tem uma força humanizadora, tornando o homem mais homem e auxiliando em sua formação: "a literatura como força humanizadora, não como sistema de obras. Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem" (2009, p. 82).

Nesse sentido, a literatura atua na formação das sociedades humanas, ajudando a instaurar formas de vida, costumes, modos de fazer e pensar, enfim, cultura. Acreditando nisso é que vemos a literatura de informação (dos viajantes do século XVI ao XIX) como elemento que demonstrou, em primeiro lugar, as formas de viver dos brasileiros.

Lúcia Gaspar (2009) nos diz como essa literatura começou a formar uma representação sobre as pessoas que aqui viviam e seus costumes:

> As narrativas dos viajantes, reunidas em livros, impressos às vezes em mais de uma edição e em diversas línguas, fizeram muito sucesso na época, sendo disputados pelo público interessado em descrições de povos e costumes exóticos. Os viajantes foram, portanto, os grandes cronistas da vida brasileira dos séculos XVI a XIX, descrevendo em suas obras aspectos da terra, da gente, dos usos e costumes do Brasil. (GASPAR, 2009, s/p)

Vários foram os viajantes (aventureiros, naturalistas, etc) que escreveram suas narrativas acerca do Brasil e de suas passagens por aqui. Alguns deles foram Hans Staden,

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Jean de Léry, Henry Koster, Louis François de Tollenare, James Henderson, Johan Moritz Rugendas, Maria Graham, Johan Baptist von Spix e Karl Friedrich Philip von Martius, Richard Francis Burton, entre outros.

Pensado dessa forma, vemos que tal literatura de informação fez com que houvessem as primeiras representações acerca da cultura brasileira. Tais representações formaram ideias sobre o que era o Brasil e como as pessoas viviam aqui, construindo significados em relação a uma cultura brasileira colonial em construção.

Stuart Hall (1997) nos informa que em cultura é muito importante a maneira como construímos significados e que o sistema de classificação (como conceitualmente agrupamos informação) é aprendido dentro de uma sociedade. Ele ainda acredita que a ideia central para entender como construímos significação enquanto cultura é através da representação. E enquanto representação, ele nos diz que é a maneira na qual significado é dado para coisas descritas (mimicamente, verbalmente, visualmente, etc).

Nessa mesma linha de pensamento de Hall, podemos dizer que a literatura de informação começou a fornecer ao mundo as primeiras representações sobre a cultura brasileira, sedimentando ideias acerca do Brasil, suas gentes e seus costumes. Clifford Geertz (2008) nos mostra que a cultura se prende a específicos significados simbólicos, caraterizando um determinado grupo:

> […] nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: dobuana e javanesa, Hopi e italiana, de classe alta e classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico. (GEERTZ, 2008, p. 36)

Também todas as relações sociais dos indígenas com os europeus, dos europeus entre si, dos europeus e indígenas, dos europeus com os negros, do povo da terra, etc, eram baseadas no poder colonial e, em seguida, imperial. E foi isso que os viajantes europeus deixaram-nos ver em suas narrativas. As narrativas sobre as tentativas de catequizar os indígenas e de submissão dos negros escravos foram recorrentes na literatura de informação, pois esses fatos causavam estranheza aos estrangeiros que por aqui passaram.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Michel Foucault nos mostra que o poder está nas relações sociais entre os indivíduos, determinando condutas. No caso desse trabalho, vimos que as elites brasileiras detinham a maior parte do poder econômico e, até mesmo, do poder simbólico.

> Quando digo "o poder", não digo absolutamente uma instância, uma espécie de potência que estaria oculta ou visível, pouco importa, e que difundiria sua influência nociva através do corpo social ou que estenderia sua rede de forma fatal. Não se trata de uma rede que aprisionaria cada vez mais a sociedade e os indivíduos. Não se trata disso. O poder não é uma coisa. O poder são relações. O poder são relações entre indivíduos, uma relação que consiste que um pode conduzir a conduta do outro, determinar a conduta do outro. E determinada voluntariamente em função de uma série de objetivos que são seus. (FOUCAULT, 1981, s/p)

Tais relações sociais de poder compuseram importante parte das narrativas dos viajantes que por aqui passaram. Um exemplo claro vindo dessas histórias dos viajantes foi a do estereótipo do indígena enquanto "preguiçoso". O historiador João Pacheco do Oliveira nos diz que:

> É fundamental assim que façamos aqui um esforço de crítica a esquemas analíticos e narrativos que são aplicados em geral para compreender a presença indígena no Brasil atual. Trata-se de uma história de interpretações do Brasil baseadas em categorias coloniais e imagens reificadoras que precisam ser revistas, pois os instrumentos de essencialização com que operam não servem mais nem para a pesquisa científica, nem contribuem para o aumento do protagonismo indígena ou o estabelecimento de melhores políticas públicas. É imprescindível implodir esta narrativa, anular os seus efeitos de verdade e instituir outra chave de leitura da história do país. (OLIVEIRA, 2010, p. 12)

Como podemos notar na passagem anterior, essa literatura de informação trouxe-nos elementos para formar ideias primeiras sobre o Brasil. Sabemos que nem sempre esses elementos foram descritos de forma coerente, mas eles ficaram no imaginário das pessoas como sendo elementos fundadores da cultura brasileira.

Também, a escravidão dos negros no Brasil colônia e império chocou os europeus que por aqui passaram. O grande número de escravos negros era algo estranho para tais viajantes. A historiadora Lilia Schwarcz nos fala sobre essa enorme quantidade de escravos negros enviados ao Brasil e como nossa sociedade colonial dependia deles:

> O Brasil foi o último país do Ocidente a abolir a escravidão. Às vezes as pessoas falam que foi o último das Américas, mas não. De fato, era chamado na época de retardão. Tardou demais. As estatísticas oscilam, mas indicam que o país teria recebido entre 38% a 44% da quantidade absoluta de africanos obrigados a deixar o continente. (SCHWARCZ, 2018, s/p)

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Essa imensa gama de escravos no Brasil foi retratada em nossa historiografia e iconografia, inclusive na literatura dos viajantes, mostrando, como a literatura de informação ajudou a formar as significações acerca do que é o Brasil e de nossa cultura nacional.

O CASO DAS IMAGENS DOS INSTRUMENTOS MUSICAIS INDÍGENAS

Quando falamos de discursos da literatura de informação e seu poder em sedimentar certos conceitos e representações acerca de nossa cultura, falamos também dos discursos visuais incluídos em tal literatura. Vale ressaltar que encaramos as imagens enquanto detentoras de uma linguagem visual, utilizadoras de um sistema de símbolos que faz com que elas tenham sentido para nós. O filósofo Ghiraldelli Jr. nos informa sobre a arte enquanto linguagem:

> A obra de arte é tomada como linguagem, e isso não é em sentido metafórico. É observada e estudada a partir de categorias como *significação, referência, denotação, regras sintáticas e semânticas* etc. A arte é observada como um sistema de símbolos. Nelson Goodman a levou para o campo da "estética analítica", e os estudos que, em geral, são feitos a respeito da linguagem no século XX, voltaram-se para a obra de arte, da música à literatura, passando por todo o campo das artes visuais (GHIRALDELLI JR., 2010, p. 87)

Como exemplo da força do discurso imagético em tais publicações, principalmente na significação do que seria o Novo Mundo, seus habitantes e seus costumes, escolhemos imagens que mostram objetos musicais indígenas. E por que imagens de objetos musicais dos "primitivos"? Porque a descoberta europeia de novas sociedades no Novo Mundo acabava por levar a comparações das culturas ditas "primitivas" com as dos países colonizadores, revelando um "estranhamento" em relação à cultura do "outro". Nesse sentido, os instrumentos musicais se colocam enquanto cultura material própria de um fazer musical específico, deixando ver que os sistemas musicais europeus não eram os únicos existentes no mundo.

Também, a utilização de tais imagens formou um discurso iconológico apoiado nos relatos escritos. Tais imagens estavam afastadas de seus referentes e serviam de confirmação de situações "reais" aos leitores da literatura de informação.

As gravuras que enchiam os livros publicados a partir do século XVI e que descreviam as coisas do Novo Mundo povoaram a imaginação dos europeus e daqueles poucos letrados

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

das colônias. Sonia Maria Couto Pereira nos informa que o auge da representação imagética acerca da cultura brasileira foi o século XIX:

> Em 1808, com a vinda da família real e a Abertura dos Portos, o Brasil recebeu uma gama de viajantes europeus, ávidos em explorar o "novo mundo". Era o auge da literatura de viagem, espalhavam-se pelo mundo gravuras, mapas e pinturas do território. Os livros eram repletos de ilustrações, povoando o imaginário da época. Tal difusão foi possível graças à expansão de técnicas de gravação. (PEREIRA, 2007, p. 3)

Vale lembrar que, como nos informa Mirela Berger (s/d), até o começo do século XX "A imagem não era pensada enquanto representação, mas sim como um testemunho de realidade." Assim, os discursos visuais selecionados para a literatura dos viajantes reafirmavam a lógica do discurso escrito acerca dos indígenas e seus costumes, ilustrando o que diziam os textos impressos.



Imagem 1 – Indígenas Tamaracá em círculo, cantando, dançando e chocalhando. Fonte: "Hans Staden: Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil", de Hans Staden, edição em língua portuguesa de 1900, p. 101.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Como primeiro exemplo de discurso imagético (imagem 1), utilizamos uma imagem do livro de Hans Staden (1525-1576) intitulado *História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão*, de 1557, em Marburg[21]. Hans Staden foi um viajante alemão que fez duas viagens ao Novo Mundo. Não sabemos a autoria das gravuras. Talvez os desenhos para tais gravuras tenham sido executados pelo próprio Staden.

A cena da imagem 1 mostra, segundo a descrição de Staden, os indígenas Tamaracá[32] fazendo um círculo, cantando e chocalhando em honra a seus ídolos. Os prisioneiros foram colocados no centro do círculo. Há a presença de, pelo menos, 9 maracás na cena, onde 14 indígenas dançam em círculo e 3 prisioneiros estão no centro.

As figuras na imagem de Staden têm proporções incoerentes do ponto de vista das distâncias e tamanhos dos objetos e pessoas. Não há uma perspectiva com pontos de fuga ou algo para similar uma visão mais realista dos objetos. A composição é bastante rudimentar se a comparamos com gravuras do renomado artista alemão Albrecht Dürer (1471 — 1528), de aproximadamente mesma época.

Os maracás apresentados na imagem são os instrumentos musicais mais comuns entre os indígenas brasileiros representados na literatura dos viajantes. Eles são, em geral, chocalhos globulares criados a partir de uma cabaça (*Crescentia Cujete*) seca e outros materiais, com um cabo de madeira e algumas sementes ou pedras para produzir som. João Américo Peret nos fala sobre a variedade de instrumentos musicais indígenas de percussão entre os indígenas brasileiros:

> Os instrumentos de percussão são os mais variados. De início, o simples bater o pé marca o som e o ritmo nas danças. É a forma mais primitiva e natural. Aí, surgem os maracás, feitos geralmente de cabaças e que são decorados com ranhuras, pirogravuras, plumas e penas coloridas. Outros são feitos de caramujos, ovos de jacaré e ema, bem como de carapaças de tartaruguinhas. Existem, ainda, os maracás tubulares, feitos de taboca e recobertos de esteiras. Os chocalhos em fieira são confeccionados de sementes, cocos, cascos de veado, porco e anta, sendo também usados como cintos e ligas. (PERET, 1985, s/p)

2 Utilizamos nesse texto a segunda tradução em língua portuguesa intitulada "Hans Staden: Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil", traducção da primeira edição original, de 1900.

3Abrasileiramos a escrita, pois Staden refere-se a esses indígenas como Tammaraká. Não encontramos referências a tais indígenas na literatura da atual sobre esse grupo. Pode ser que esse grupo de indígenas fossem os Potiguara, aliados dos franceses.

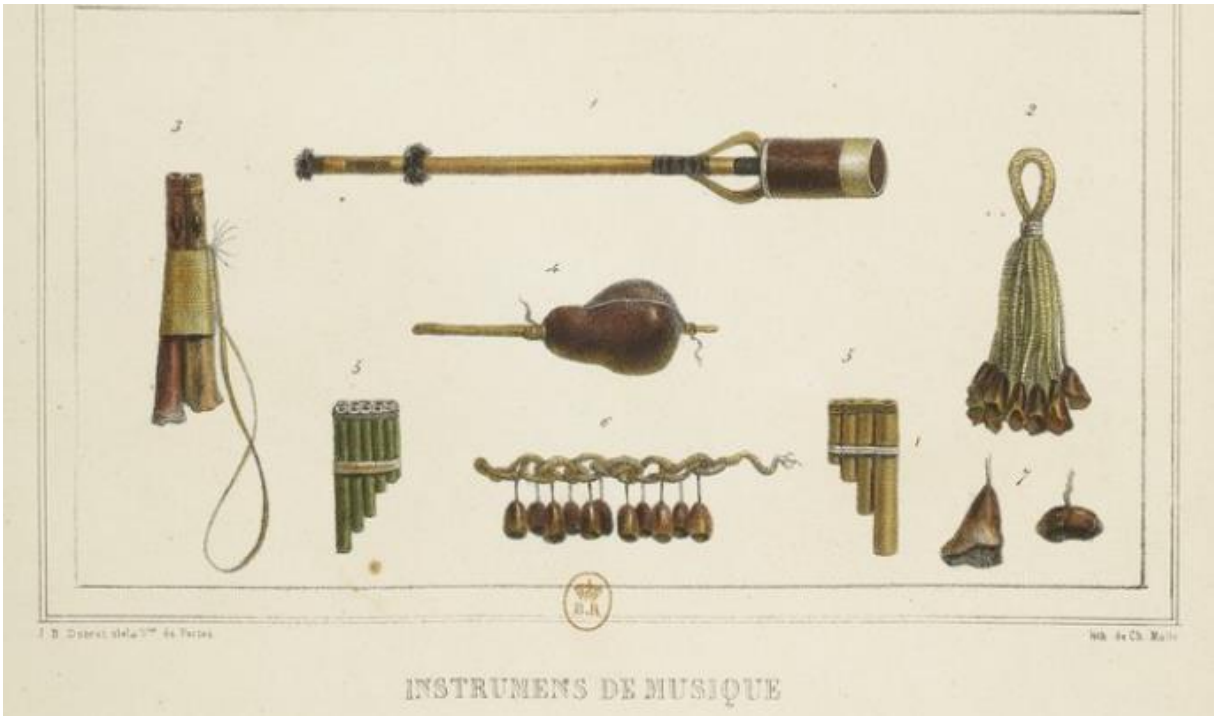
Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Os maracás são instrumentos de percussão utilizados para marcar ritmos e são muito utilizados para acompanhar cantigas ligadas a danças. Franz Boas nos diz que:

> Entre as tribos primitivas, em todo o continente americano, a canção era acompanhada apenas por batidas rítmicas em instrumentos de percussão. É interessante notar que as batidas nem sempre coincidiam com o acento da música, mas frequentemente tinham um ritmo independente, embora coordenado. (BOAS, 1955, p. 343, tradução nossa)

Colocamos, agora, uma outra imagem de instrumentos musicais, esta de uma gravura de 1834 (ver imagem 2), de Jean-Baptiste Debret (1768-1848). Essa imagem faz parte de uma prancha onde também há mantos e cetros indígenas. Debret veio ao Brasil através da Missão Artística Francesa, em 1916. Ele ficou no Brasil até 1831, quando retornou para a França. Ele foi aluno do mestre pintor neoclássico Jacques-Louis David (1748-1825), que era seu primo. Em nossas terras, Debret trabalhou como pintor, gravador, desenhista, professor e cenógrafo.

Sua obra literária "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil", de 1834, descreve um pouco de suas impressões em sua passagem por nosso país. Nessa obra há várias gravuras coloridas que retratam um pouco da vida no Brasil da época, principalmente no Rio de Janeiro e seus arredores.



Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

Imagem 2 - Instrumentos musicais dos "selvagens" brasileiros. Fonte: "Voyage Pittoresque et Historique au Brésil, ou séjour d´un artiste française au Brésil, depuis 1816 jusqu´en en 1831 inclusivement", de Jean-Baptiste Debret, de 1834.

Na imagem 2 há uma disposição de objetos musicais de percussão e objetos de sopro, os mais comuns entre os indígenas brasileiros. A escolha pela colocação desses objetos em forma de prancha, de maneira tão esquemática, parece ter um fundo mais documental. Isso parece demonstrar um desejo mais informativo, mais "científico". Debret parece se surpreender com o fato de que os indígenas ("selvagens", como ele mesmo diz) fossem capazes de confeccionar instrumentos musicais variados.

O professor André Guerra Cotta nos informa que a rica iconografia deixada pelos viajantes, geralmente utilizada para ilustrar os textos escritos, deixa muitas lacunas a serem desvendadas, pois são imprecisas.

> As muitas fontes textuais que deixaram os viajantes europeus seriam complementadas pela produção iconográfica de Debret, Rugendas, Spix e Martius, entre outros, com informações visuais que as descrições, por mais detalhadas que sejam, não podem precisar, tais como a aparência física dos instrumentos, a indumentária dos músicos e dançarinos, a disposição espacial de certas práticas sociais, etc. (COTTA, 2011, p. 224).

Ainda sobre a imagem 2, Cotta nos informa que:

> No volume I da Viagem Pitoresca, Debret apresenta em uma única prancha [...] diversos instrumentos musicais indígenas, em disposição estudada e esquemática, descrevendo-os um por um, à maneira de uma catalogação etnográfica ou botânica, tal como faz com armas, ornamentos, utensílios, plantas, etc (Idem, p. 235-236)

É nessa tentativa de desvendar os discursos visuais das imagens de instrumentos musicais que tentamos buscar pistas para entender tal iconografia musical dentro da literatura de informação dos viajantes.

A disposição dos instrumentos musicais dada por Debret parece realmente uma imagem de catalogação, de registro. No entanto, tal imagem representa os instrumentos musicais escolhidos de forma muito realista, até mesmo no tratamento da luz sobre os objetos. Parece haver ai uma tentativa de mostrar que os indígenas brasileiros detêm uma grande quantidade de instrumentos musicais, revelando um sistema musical, apesar de ele deixar claro a "superioridade" da música instrumental europeia.

Essa preocupação de Debret em revelar a grande quantidade de artefatos de cultura material dos indígenas em representações tão realistas (quase que as mesmas das

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

representações botânicas) parece fornecer um discurso do "selvagem" enquanto ser mais ligado à natureza, porém com engenhosidade ímpar.

Obviamente que a imaginação dos contemporâneos de Debret sobre os autóctones era de estranhamento, mas ele parecia estar interessado em retratar as ações do cotidiano, as pessoas e as coisas de tal cotidiano. Ele deixou-nos imagens de arte plumária dos indígenas, de cestaria, de cerâmica, de armamentos, de pinturas corporais, etc, para além das imagens de instrumentos musicais. No entanto, parece haver uma escolha de representar os objetos de cultura material indígena de uma forma mais documental do que em ação, em efetivo uso.

Há também outras imagens de Debret retratando instrumentos musicais indígenas, como em "O sinal de combate (Coroados)", em "O sinal de retirada (Coroados)", em "Família de um chefe Camacan se preparando para uma festa", entre outros registros visuais.

Também, vemos que a imagem 1, de Hans Staden, revela o grande horror dos homens do tempo pelo canibalismo (prática antropofágica ritual dos indígenas brasileiros), uma prática que Staden repugnava enquanto cristão. Sua representação dos maracás busca uma situação, acreditamos, não tão documental, mas de informação sobre a disposição das coisas e pessoas. Não há a busca de uma perspectiva mais "realista", mas a tentativa de dar a perceber como a cena aconteceu.

Na imagem 2, de Debret, os objetos estão dispostos de forma documental, em uma expressão mais "realista", quase que botânica. A escolha pela representação de objetos fora de ação humana demonstra algum tipo de catalogação, talvez por esses documentos musicais serem produzidos a partir de materiais naturais, aproximando-os das representações mais botânicas.

Ainda, tais imagens definitivamente buscavam complementar os textos escritos sobre o Brasil, seus habitantes, seus costumes e suas coisas, não deixando dúvida sobre a estreita relação dessas imagens com o que foi dito sobre elas.

Nesse sentido, verificamos que a iconografia musical revelada na literatura dos viajantes fazia parte de uma narrativa maior, que juntava textos escritos e imagéticos para compor uma história o mais crível possível. As imagens tinham força de verdade e serviam para confirmar aquilo que estava escrito, e vice-versa.

Temos que compreender as diferenças históricas nas maneiras de representar objetos e pessoas do século XVI e do século XIX (época das imagens escolhidas para esse texto). Os artistas do século XVI estavam saindo de um período de representação artística baseado em categorias medievais, enquanto no século XIX as artes visuais já estavam muito mais avançadas em relação às técnicas de representação.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

No entanto, temos que compreender que Staden e Debret escolheram apresentar-nos cenas onde os instrumentos musicais faziam parte de uma história a ser contada e enquadravam-se dentro de relatos específicos, onde os textos escritos completavam toda a narrativa. A junção de texto escrito e imagético servia para dar mais veracidade aos relatos sobre as terras do Novo Mundo, seus habitantes, os costumes das pessoas, a flora e a fauna do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que os relatos dos viajantes lançaram uma primeira ideia sobre o Brasil e ajudaram a sedimentar certos pontos de nossa cultura, inclusive os estereótipos. Isso ficou claro em relação aos grupos humanos que aqui viviam, às relações de poder existentes e aos costumes locais.

Tal literatura de informação parece ter tido uma força muito maior do que a de simplesmente informar, mas acabou por sedimentar representações sobre o que seria o Brasil de então. Infelizmente, como nos mostrou João Pacheco de Oliveira, algumas representações forjadas durante o período colonial ainda persistem em forma de estereótipos negativos.

Em relação à iconografia musical apresentada brevemente em duas imagens (uma do século XVI e outra do século XIX) neste texto, verificamos que tais imagens serviam enquanto ilustrações dos relatos escritos, ajudando a dar mais veracidade aos discursos. No entanto, a utilização atual de tal imagética carece de uma interpretação mais crítica e de uma utilização mais bem fundamentada.

Há que se utilizar tais imagens buscando compreender seu contexto de criação e utilização nos textos originais, tentando compreender suas relações intertextuais, as concepções de mundo da época e as maneiras e possibilidades de representação pictórica de então.

Além disso, haviam vários relatos (escritos e imagéticos) sobre os autóctones das Américas, suas criações, suas vidas, etc, que fizeram parte da criação de um imaginário sobre, em nosso caso, o Brasil, suas gentes e suas coisas.

Finalizando, vemos como a literatura de informação dos viajantes do século XVI ao XIX teve grande influência em nossa forma de conceber o Brasil e na sedimentação de um imaginário sobre o que seria a cultura nacional. Podemos dizer que a relação entre as imagens e o texto escrito de tal literatura forneceu as bases para se conceber o Brasil assim como o

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

conhecemos hoje. Dessas imagens descritivas da literatura de informação participam aquelas dos instrumentos musicais indígenas enquanto artefatos culturais que revelavam um discurso sobre quem eram esses indígenas que habitavam o Novo Mundo e, mais especificamente, o Brasil colônia e império.

Abstract: This text tries to think about how the literature of travellers from the sixteenth to the nineteenth century helped to shape thoughts about Brazil. We believe that this thoughts influenced the formation of Brazilian culture, mainly through the images provided in the publications of such travellers. Images of indigenous musical instruments, taken hereby as an example of visual discourse, can provide us with information on how such travellers shaped their accounts of us Brazilians. This article has an analytical / qualitative character and is based on a bibliographical research. The results of this research paper show that the travellers' reports launched a first idea about Brazil and helped to sediment certain ideas about our culture through what they wrote and the images they provided readers of their stories.

Keywords: Information Literature; Brazilian culture; Indigenous musical instruments; Images.

REFERÊNCIAS

BERGER, Mirela. *Antropologia e Imagem.* Breve Introdução. In: Mirela Berger. Arquivos (Blog disponível na internet). Sem data, 20??. Disponível em: http://www.mirelaberger.com.br/mirela/download/antroplogiaimagemgeisa2.pdf. Acesso em: 20 set. 2018.

BOAS, Franz. *Primitive Art.* New York: Dove Publications Inc., 1955.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. IN: *Revista Remate de males.* Campinas, Unicamp, 2009, pág. 81-90.

COTTA, Andre Guerra. Ouvir Debret. *Anais* do 13th International RIdIM Conference & 1o Congresso Brasileiro de Iconografia Musical. UFBA, 2011, pág. 222-244, Disponível em: < http://www.portaleventos.mus.ufba.br/index.php/13RIdIM_1CBIM/RIdIM2011/paper/view/125/77 >. Acesso em: 20 set. 2018.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil, ou séjour d´un artiste française au Brésil, depuis 1816 jusqu´en en 1831 inclusivement. 1834.* Fonte: Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France. Acesso em 20/09/2018.

FOUCAULT, Michel. *Entrevista com Michel Foucault na Universidade Católica de Louvain em 1981* – Tradução de Anderson dos Santos. Disponível em: <http://clinicand.com/2018/04/15/entrevista-com-michel-foucault/>. Acesso em: 17 jun. 2018.

GASPAR, Lúcia. *Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX).* Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas.* 1ª ed., 13ª reimpr. - Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GHIRALDELLI JÚNIOR., Paulo. *História essencial da Filosofia.* São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethniticies. IN: *Culture, globalization and the world-system.* University of Minnesota Press, 1997, pág. 41 a 68.

OLIVEIRA, João Pacheco de. O Nascimento do Brasil: Revisão de um paradigma historiográfico. IN: *Anuário Antropológico.* 2009/1, 2010, pág. 11-40.

PEREIRA, Sonia Maria Couto. Considerações sobre a fonte iconográfica na escrita da História Indígena. IN: *Revista Eletrônica História em Reflexão.* Vol. 1 n. 2 – UFGD - Dourados Jul/Dez 2007, pág. 1-13.

PERET, João Américo. *A força mágica da música indígena.* IN: Revista Geográfica Universal, Nº 129, Agosto de 1985, Disponível no seguinte website: < http://www.imagick.org.br/pagmag/themas2/flautas.html >. Acesso em: 20 set. 2018.

SCHWARCZ, Lilia. Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão, diz historiadora. IN: *BBC Brasil.* Entrevista de 10/-0/2018, s/p. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/brasil-viveu-um-processo-de-amnesia-nacional-sobre-a-escravidao-diz-historiadora-10052018>. Acesso em: 19 set. 2018.

STADEN, Hans. *Hans Staden:* Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil. Traducção da primeira edição original. São Paulo: TVP. Da Casa Eclectica, 1900.

Revista Língua e Literatura, v. 21, n. 37, p. 78-90, jan./jun. 2019.
Recebido em: 25 set. 2018.
Aceito em: 13 abr. 2020.